

***Blue Jasmine* em busca de ser memorável: experiências de vergonha, humilhação e segredos na contemporaneidade**

Blue Jasmine in search of being memorable: experiences in shame, humiliation and secrecy in the contemporaneity

Cidiane Vaz Melo¹
Carla Martins Mendes²

Resumo:

A sociedade contemporânea, herdeira do projeto moderno de felicidade, perfeição e sucesso, coloca o sujeito em um conjunto de impasses devido aos maciços apelos ligados a esses ideais transformados em valores. Os ideais, internalizados e compartilhados socialmente, podem favorecer grande sofrimento, balizado pelas experiências de vergonha e humilhação que emergem como testemunhas do sentimento de inadequação. Nesse cenário, a criação de segredos acaba por se figurar como recurso defensivo frente a essas experiências. Tomando por base o filme *Blue Jasmine*, de Woody Allen (2013), este artigo busca discutir as vicissitudes da construção subjetiva na contemporaneidade, a partir dos sentimentos de vergonha e humilhação, e suas implicações na constituição de segredos.

Palavras-chave: contemporaneidade; vergonha; humilhação; segredos

Abstract

Contemporary society, the inheritor of the modern project of happiness, perfection and success, places the subject in a set of deadlocks due to massive appeals linked to those ideals turned into values. Such internalized and socially shared ideals can foster great suffering through the experiences of shame and humiliation that emerge as a result of the feeling of inadequacy. In this set, the creation of secrecy ends up becoming a defensive resource against such experiences. Based on the film *Blue Jasmine* by Woody Allen (2013), this article seeks to discuss the difficulties of subjective construction in contemporaneity based on the feelings of shame and humiliation, and its implications on the constitution of secrecy.

Keywords: contemporaneity; shame; humiliation; secrecy

¹Doutoranda em Psicologia Clínica PUC/Rio, Professora do curso de graduação em Psicologia da Universidade Veiga de Almeida.
e-mail: cidianevez@gmail.com

²Mestranda em Psicologia Clínica PUC/Rio, Psicóloga Clínica com especialização em Psicoterapia de família e casal PUC-Rio.
e-mail: carlamartimendes@gmail.com

Introdução

A vergonha, a humilhação e os segredos apresentam-se como elementos frequentemente evocados nas relações interpessoais. Experimentada como um desvelamento íntimo, a vergonha é sentida subjetivamente como uma desqualificação que independe de ser fantasioso ou real o fator que a desencadeou. A presença do olhar do outro como fator disparador da vergonha explica o seu caráter intrassubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo, definindo-a como uma “emoção social” (GAULEJAC, 2006).

Os ideais contemporâneos relacionados ao sucesso e à manutenção de uma imagem idealizada mostram-se amiúde distanciados da realidade, marcada pela incompletude e pelas exigências cotidianas. Frente aos apelos impostos pelo social e à constatação de seu próprio desamparo, o sujeito pode vir a construir uma imagem artificializada que, contudo, lhe permita certo reconhecimento no tecido social em que ancorar seu narcisismo. A despeito dos ideais a serem alcançados, os dados da realidade interna e externa podem trincar, ou, em casos mais graves, quebrar a consistência narcísica que o sujeito tem de si mesmo, produzindo manifestações diversas, dentre as quais a desorganização do Eu.

Nesse contexto, o filme *Blue Jasmine* (2013), do diretor Woody Allen, pode fornecer preciosas ilustrações. O filme narra os

conflitos existenciais e sociais vivenciados pela protagonista, *Jasmine*, após uma série de perdas amorosas e financeiras. Num primeiro momento, o que chama a atenção é a dicotomia da trama, começando pelo desenrolar de uma história entre passado e presente, entre um nome, reflexo das suas origens, e outro, adequado a uma imagem que reflete uma elevada condição financeira e social. Demonstrando profunda vergonha pelo nome e pela família de origem, a personagem constrói uma imagem que corresponde aos ideais de felicidade, sucesso e perfeição socialmente almejados, os quais envolvem elementos como a beleza, um casamento feliz e o sucesso financeiro.

Nesse ínterim, é dado a conhecer o percurso de uma personagem que transita entre a alta sociedade e a falência financeira, entre uma vida pautada na carreira do marido e o fato de não ter formação acadêmica ou habilitação profissional, entre a ostentação financeira familiar e a vitimização perante as múltiplas traições por parte do marido. *Jasmine*, face à falência dos ideais internos e externos, recorre a “*Blue Moon*”, música que define seus ideais e expectativas, justificando, assim, o abuso de bebida alcoólica e de antidepressivos.

Durante o desenrolar do filme, os sentimentos de vergonha,

humilhação e a construção de segredos testemunham a constituição subjetiva de *Jasmine* a partir de um falso *self*¹ (WINNICOTT, 1960), erigido a fim de preservá-la do fracasso dos ideais e manter a consistência ao seu frágil narcisismo. *Jasmine*, de modo a evitar a rejeição por parte dos que fazem parte do círculo social elevado, vale-se dos segredos para proteger-se da vergonha que sente perante a derrocada financeira. Não abdica, contudo, dos ideais amorosos que lhe podem proporcionar o *status* perdido, a despeito da humilhação social face às fraudes financeiras com as quais esteve envolvida.

Levisky (2013) assinala que a cultura contemporânea afeta o desenvolvimento da relação entre *self* e objeto, na medida em que os valores culturais contemporâneos estimulam a exacerbação do narcisismo que atua como defesa contra o fracasso nas conquistas individuais. Dentre os aspectos destacados pelo autor, encontram-se a velocidade das transformações tecnológicas, a fragmentação das relações temporais, as quebras constantes dos valores éticos e morais, a democratização da informação e do consumo e a maior tendência ao individualismo. A satisfação imediata e concreta dos desejos estimula a liberação das fantasias e dos processos primários do pensamento, incluindo o *acting out*. Nessas condições, há uma dificuldade maior em elaborar as experiências ou ter um contato mais autêntico com o próprio *self*.

O drama vivido por *Jasmine* poderia desenvolver-se como uma potencial experiência de transformação, crescimento e amadurecimento. As escolhas da personagem não produzem, contudo, qualquer ressonância íntima, o que ressalta sua onipotência e a manutenção do mesmo padrão de expectativas e conduta. Quando confrontada com a possibilidade de experimentar alguma autenticidade frente à revelação do marido, o medo da exposição ao olhar dos outros faz com que *Jasmine* sucumba à vergonha e à humilhação expondo a sua insuficiência narcísica. A experiência desses sentimentos é sentida como um estrago interno irreparável, sendo o segredo a sua única saída (CYRULNIK, 2012; TISSERON, 2014).

Para *Jasmine*, não basta apenas manter o segredo junto aos outros. Faz-se necessário que esse segredo produza efeitos na própria mente, a partir da dialética da clivagem que envolve saber e não saber simultaneamente. Nessas condições, o Eu fragilizado e dividido pode utilizar defesas narcísicas como recurso para manter uma coesão estrutural. *Jasmine*, ante o fracasso dos ideais, traduzido na vergonha, compõe uma imagem idealizada, delirante em muitos momentos, que lhe permite alguma coesão interna.

Tomando por base o filme *Blue Jasmine*, de Woody Allen (2013), que aborda os conflitos entre os ideais de felicidade e o desamparo

humano, este artigo busca discutir as vicissitudes da construção subjetiva na contemporaneidade, a partir dos sentimentos de vergonha e humilhação e suas implicações na constituição de segredos.

Vergonha, humilhação e segredos

A vergonha, a humilhação e os segredos articulam-se no limite entre o intrapsíquico e o intersubjetivo. Constituem-se a partir das relações sociais e produzem ressonâncias na própria construção narcísica. Implicam uma dimensão valorativa do Eu, marcada pelos sentimentos de menos valia e inadequação a partir do outro (KAES, 2011). A vergonha e a humilhação figuram como experiências emocionais, e os segredos como defesa contra elas.

O sentimento de vergonha atrela-se aos ideais que devem ser mantidos socialmente e envolve o olhar do outro, que pode aprovar ou não determinada conduta. O sentimento de vergonha independe de ser real ou fantasioso o contexto que o deflagrou, na medida em que está sujeito ao modo como cada um subjetivamente vivencia as próprias experiências. Trata-se, portanto, de experiências intersubjetivas que colaboram para a constituição do próprio narcisismo, mas que resultam, frequentemente, em conflitos entre as expectativas dos ideais internalizados e a impossibilidade

de suas consecuições. Nesse cenário, o Eu se veria condenado a não alcançar o próprio ideal e tomado pela vergonha frente a esta constatação (BIGLIANI, MOGUILLANSKY & SLUZKI, 2011).

Seguindo o mesmo raciocínio, Tisseron (2014) também concebe a vergonha diretamente ligada ao narcisismo. Para o autor, a vergonha é produto de uma tensão interna entre o Eu e o ideal de Eu; mais especificamente, o reconhecimento de uma inadequação do Eu perante o ideal do Eu e que reverbera em três principais dimensões: no apego à família de origem, na estima de si mesmo e nos laços sociais. Na contemporaneidade, os fortes apelos sociais assim como as constantes exigências internas, contribuem para que a vergonha seja estudada no âmbito da psicopatologia, nomeadamente no que diz respeito à depressão e à fobia social, tal como apontam Vertzman, Pinheiro & Herzog (2009):

O sujeito depressivo da contemporaneidade sofre com a vergonha [...]. Na depressão, a presença do outro é perturbadora porque apontaria para alguma coisa em que ele seria falho, em que não teria tido a performance esperada, ainda que não tenha clareza sobre sua falha (p.178).

A vergonha e a humilhação, como resultado de vivências profundamente penosas, são

frequentemente envoltas em segredos ou versões fantásticas que servem de proteção psíquica. O segredo, como defesa, relaciona-se à tentativa de manutenção de uma imagem idealizada socialmente compartilhada, mas é, sobretudo, uma proteção do próprio narcisismo, uma vez que trata de afastar ou encobrir experiências que diminuem o Eu.

A despeito de muitas vezes confundidos, a vergonha e a humilhação mantêm diferenças entre si. A vergonha afeta o Eu em virtude de um juízo de atribuição por possuir ou carecer de algum atributo deflagrado perante o outro. Na humilhação, por seu lado, o Eu se vê afetado perante o juízo de existência, ou seja, ser ou não ser. Bigliani, Moguillansky & Sluzki (2011) concordam em que tanto o sentimento de vergonha como o sentir-se humilhado são desencadeados quando os ideais se tornam inalcançáveis. Atribuem, contudo, à humilhação maior dilaceração interna, na medida em que é percebida a partir do poder e/ou do desejo de destruição do outro, o que provoca uma “coisificação do eu”. Ambos os sentimentos são, porém, negativamente sentidos, devido a seu carácter narcísico, e manifestam-se como verdadeiras feridas. Em situações que ensejam experiências de vergonha e humilhação, os segredos figuram como uma espécie de recurso que o sujeito pode vir a eleger na tentativa de

preservar ou criar uma imagem social.

Frequentemente, os segredos, em seu viés conflitivo, envolvem temas mobilizantes e encontram-se cercados por tabus culturais e pelo medo de repressões sociais. Sendo descobertos, podem envolver a sanção social, gerando intensas angústias e sentimentos de não pertencimento. Apesar de frequentemente associados à tentativa de resguardar aspectos e acontecimentos que poderiam provocar reações hostis, os segredos dizem respeito, sobretudo, a uma percepção internalizada do que seria considerado vergonhoso e humilhante. A angústia sentida pelo temor da revelação de aspectos considerados vergonhosos expressa também o receio de quebra de vínculos significativos para o sujeito (CORREA, 2013).

Prado (2000) explica que a vergonha reverberada sob a forma de segredos traduzidos em sintomas, paira sobre os não ditos ou percebidos no silêncio, que podem comprometer a vida psíquica. As situações que envolvem segredos implicam uma dinâmica que impossibilita o conhecimento, o pensamento e a tradução em palavras de experiências de ordem traumática que implicam vergonha, humilhação e todo tipo de feridas narcísicas. Mijolla (2005) explica que a ferida narcísica diz respeito a situações vivenciadas como intoleráveis em face de um traumatismo desencadeado por

fatores internos ou externos ao aparelho psíquico. Na medida em que fere a imagem ideal que o sujeito tem de si mesmo, a ferida narcísica acaba por expressar-se nos sentimentos de vergonha e humilhação. Concomitantemente, a onipotência, a arrogância ou a autoagressão – como, por exemplo, no suicídio, na drogadição e em certas reações psicossomáticas – são muitas vezes desencadeadas por feridas narcísicas, tal como aponta Levisky (2013).

Na contemporaneidade, o sofrimento narcísico torna-se cada vez mais comum, uma vez que os relacionamentos se estruturam em referenciais mais voláteis e menos permanentes, contribuindo para o não questionamento dos ideais e favorecendo, ao mesmo tempo, que estes não sejam alcançados. Nesse sentido, trata-se de um círculo vicioso criado e mantido, que enreda os sujeitos na vergonha, empobrecendo-os narcisicamente (TISSERON, 2014). Nessas condições, podem surgir aspectos não incorporados ao Eu que se mantém, por isso, desconhecidos, podendo ser vivenciados como corpos estranhos à sua unidade e experimentados de modos antagônicos (LEVISKY, 2013).

Blue Jasmine

Ao longo do filme *Blue Jasmine*, observa-se que a personagem se vale de certos elementos como as grifes famosas e o prestígio

social do marido numa tentativa de sentir-se reconhecida pelos outros e de reconhecer-se como sujeito. Na falta de elementos próprios que lhe deem consistência existencial, utiliza-se de artifícios, como é o caso da mudança do seu nome próprio bastante comum, *Jeanette*, para *Jasmine*, exótica, refinada e cheia de *glamour*. A vergonha de suas origens leva-a a evitar a irmã, de condição econômica e social inferior, haja vista que o ideal de vida socialmente bem sucedido que sustentava não poderia permitir nenhuma ligação com suas origens. Assim, *Jasmine* menospreza sua irmã, na tentativa de esconder o passado de si mesma e dos seus pares da alta sociedade.

Jasmine, enquanto mantinha uma vida financeira privilegiada, valeu-se dos segredos em relação às suas origens. Entretanto, após a falência financeira do marido, manteve em segredo que havia sido a responsável por denunciá-lo às autoridades. Na tentativa de esquivar-se do reconhecimento de que suas relações eram basicamente fundamentadas em aparências e mentiras, *Jasmine* nega ao mesmo tempo em que reconhece sua participação no resultado de sua situação atual.

A fim de manter sua imagem artificialmente construída, *Jasmine* evita veementemente o contato com a realidade em sua incompletude, crueza e banalidade, e mantém uma postura distanciada de

qualquer autenticidade. Seu desejo de “tornar-se alguém memorável” só se realiza na medida em que se utiliza de elementos valorizados socialmente, exteriorizando uma imagem que não condiz quando confrontada com o que é, o que fica evidente, particularmente, nas suas relações com o enteado e com a irmã.

O funcionamento psíquico da personagem parece, portanto, bastante alinhado com o discurso contemporâneo evidenciado por Birman (2011), quando assinala que, na contemporaneidade, há uma evidente negação do sofrimento, compensado no consumo e na contínua busca pelo prazer. Segundo o autor, trata-se de tentativas de negar o mal-estar, providenciando felicidades instantâneas. Ademais, a psicofarmacologia, forte componente na sociedade ocidental contemporânea, sustenta as promessas de felicidade, herdadas do período moderno, de modo a evitar a angústia permanente de ter que dar conta dos fortes apelos sociais. Ao longo do filme, a personagem comenta que os médicos tentaram utilizar com ela seis medicamentos, mas que nenhum funcionou. A personagem mostra-se ambivalente em sua relação com a realidade; ora mantém-se alienada, ora permite-se conhecer. Entrar em contato com a realidade parece algo insuportável, e ela acaba por recorrer ao álcool, aos calmantes e ao alheamento psíquico. Os sentimentos de vergonha e de humilhação da personagem são explicitados pela angústia experimentada por não

ser objeto de desejo do olhar do outro, por motivos sociais e por questões afetivas.

Jasmine, em prol de ideais, sacrifica os seus próprios desejos profissionais e evita reconhecer as infidelidades do marido. Quando confrontada, contudo, com o pedido de divórcio em virtude de se ter ele apaixonado por outra mulher, ela o denuncia por fraudes financeiras. Essa decisão é tomada de modo contundente, permeada pelos sentimentos de vergonha e de humilhação, pois sua existência nessa nova condição se mostrava insuportável. Dentre os desfechos possíveis para a personagem, imagina-se que um deles poderia envolver um bom acordo financeiro entre *Jasmine* e o ex-marido, o que lhe permitiria manter-se em um padrão financeiro e social bastante privilegiado. Entretanto, a questão evidenciada por ela não se assenta apenas nos bens materiais, mas, principalmente, na construção de um narcisismo sustentado em uma imagem social imutável e não sujeita a revisões.

Ao longo do filme, *Jasmine* alega ser vítima das fraudes do marido, não reconhecendo a própria responsabilidade em assinar documentos, além de se tornar cúmplice nas infidelidades dele ao apresentar-lhe mulheres. No decorrer do filme, porém, é revelado que, diante da humilhação de ser preterida por outra mulher, ela recorre à vingança denunciando o marido às autoridades. O marido, por sua vez, empresário de sucesso no

mundo financeiro e assíduo no meio da alta sociedade, comete suicídio, levando-nos a pensar na profunda humilhação vivida ante a prisão e a revelação da origem fraudulenta da sua fortuna. Nesse contexto, a personagem se constitui a partir da crença, desmentida por seu próprio desvario, de que parecer é igual a ser; na inconsistência do ser, resta parecer e corroborá-lo pelos diálogos com interlocutores imaginários, de modo a tentar sustentar as dolorosas experiências provenientes da realidade interna e externa.

A letra da canção *Blue Moon*, citada pela personagem, revela a construção de um mundo idealizado que lhe conferia algum sentido de existência, um lugar aos olhos dos outros e de si mesma: *And then there suddenly; appeared before me; The only one my arms will ever hold; I heard somebody whisper, "please adore me"; And when I looked, the moon had turned to gold*². Quando suas construções se tornam obsoletas, no entanto, frente à constatação de uma realidade que ela queria manter desconhecida, o que lhe resta é o desmoronamento.

Considerações finais

A sociedade ocidental, denominada “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 2012), caracteriza-se pela avidez em adquirir todo um conjunto de produtos que visam a substituir a dor psíquica, valorizando ideais efêmeros. O filme *Blue Jasmine*

expõe o paradoxo contemporâneo da ascensão e queda social e suas implicações nos constituintes subjetivos frágeis desvelados pelos sentimentos de vergonha e humilhação e traduzidos por segredos.

Em *Blue Jasmine* observa-se que a vergonha e a humilhação confrontam a insuficiência narcísica da personagem. Esta, ao mudar o nome próprio, idealiza uma identidade adequada à alta sociedade, relegando as suas origens. Valendo-se do segredo para proteger-se da vergonha de um passado constrangedor aos padrões socialmente instituídos, sentiu a humilhação de ter sido preterida por outra mulher e serviu-se, ela mesma, da humilhação para vingar-se do marido.

Entre a onipotência e o desamparo, *Jasmine* deparou-se com um vazio de pertencimento e de identidade que se refletiram nas suas relações como um todo. Apesar das particularidades da personagem, de seus recursos e de sua história familiar, marcados pela adoção e pela identificação com os valores de seus pais adotivos, podemos pensar que *Jasmine* é uma personagem que encarna os ideais contemporâneos. A atuação de *Jasmine* com seus diálogos internos remete-nos ao entendimento de Cyrulnik (2012), para quem a vergonha é uma “zona silenciosa que fala sem parar” (p. 2).

Recebido em: 25/09/2016
Aprovado em: 10/11/2016

Notas

(1) O conceito de falso *self* postulado por W. D. Winnicott diz respeito a uma organização subjetiva com desdobramentos saudáveis e patológicos. Pode ser considerado desde uma atitude social, saudável, no sentido da renúncia à onipotência e garantia do convívio social, até o falso *self* patológico, marcado pela submissão aos ideais, no qual o *self* verdadeiro permanece oculto, implicando na ausência do que poderíamos chamar de gesto espontâneo. Em um grau extremo, envolve um sentimento de vazio, de que a vida não vale a pena, que não há razão para viver.

(2) Tradução livre: E de repente apareceu diante de mim/ O único que meus braços vão abraçar para sempre/ Eu ouvi alguém sussurrando: "por favor, adore-me"/ E quando eu olhei, a lua se havia tornado dourada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, W. Título no Brasil/Título original: Blue Jasmine. País de origem: Estados Unidos. Estúdio/Distrib.: Imagem filmes (2013).
- BIGLIANI C. G; MOGUILLANSKY. R; SLUZKI. C. **Humilhação e vergonha: um diálogo entre enfoques sistêmicos e psicanalíticos**. São Paulo: Zagodoni, 2011.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2011.
- CORRÊA, O. B. R. **Crises e travessias nas diversas etapas de vida do casal e do grupo familiar**. 2ª edição. KBR editora digital, 2013.
- CYRULNIK, B. **Dizer é morrer - a vergonha**. São Paulo: Martins Fontes. 2012.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa: Antígona. 2012.
- GAULEJAC, V. **As origens da vergonha**. São Paulo: Via Lettera. 2006.
- KAES, R. **Um singular plural: a psicanálise a prova do grupo**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. São Paulo: Zagodoni. 2013.
- MIJOLLA, A (org.). **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- PRADO, M. C. A. **Destino e mito familiar: uma questão na família psicótica**. São Paulo: Vetor, 2000.
- TISSERON, S. **La honte**. Paris: Dunot, 2014.
- VERZMAN, J; PINHEIRO, T; HERZOG, T. **Vergonha, culpa, depressão contemporânea e perdão**. Projeto de Pesquisa do NEPECC-UFRJ. Disponível em: <http://www.uva.br/trivium/edicao1/pesquisa/1-vergonha-culpa-depressao-contemporanea-e-perdao-ufrj.pdf>. (Acesso em 18/06/2016)
- WINNICOTT, D. W. (1960) Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: **O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.